

HCFMUSP se destaca na realização de transplantes de fígado e rim

Pioneiro na realização de transplantes de fígado e rim na América do Sul, o Hospital das Clínicas da FMUSP continua mantendo a liderança nessas duas modalidades. A cada ano, a quantidade de procedimentos

umenta, garantindo uma vida melhor para centenas de pacientes.

Conheça o trabalho que vem sendo realizado e alguns indicadores da área de transplantes na matéria das páginas 6 e 7.

Equipamento para produção de radiofármacos é inaugurado

Em maio foi inaugurado o Cíclotron, equipamento que produz marcadores radiativos utilizados em exames de medicina nuclear para o diagnóstico precoce de doenças como o câncer, entre outras. Instalado no

serviço de Medicina Nuclear do InRad, o Cíclotron é resultado de uma parceria com o Hospital Sírio Libanês e vai fornecer os radiofármacos para hospitais nos arredores e também para a pesquisa científica. Pág. 8

LIM 60 está desenvolvendo vacina contra o vírus HIV

Várias vacinas estão sendo pesquisadas para combater o avanço do vírus HIV. O LIM 60 começa este ano a aprofundar os testes de uma nova modalidade, que parte não do vírus inteiro mas de partes determinadas como forma de estimular a resposta imunológica contra o vírus. O projeto, que tem financiamento da FAPESP, FMUSP e Unesco, já passou por uma primeira fase de testes que revelou sua eficácia. Saiba mais na página 9.

Agentes Comunitários de Saúde na Região Oeste

Ação dos agentes comunitários de saúde é chave para o funcionamento do Programa Saúde da Família. Eles fazem a ponte entre as comunidades e as Unidades Básicas de Saúde, ajudando as pessoas a aderir aos tratamentos e às medidas preventivas e fornecendo dados que resultam em melhores diagnósticos por parte dos profissionais de saúde. Na página 8, duas agentes do Projeto Região Oeste contam seu dia-a-dia.



Osborn de Paula

O diretor do InRad e do ICESP, Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri, conduziu a solenidade

Estimulação magnética
no tratamento de
doenças psiquiátricas.
Pág. 3

Ciência e esporte
na vida do Prof. Dr.
Vicente Amato Neto.
Pág. 11

Nova Área Técnica
promove integração
entre os funcionários.
Pág. 12

O que fazer?

Em editorial anterior, chamamos a atenção sobre a frequência assustadora da síndrome metabólica em adultos e, cada vez mais, também na criança e no adolescente, configurando uma verdadeira pandemia, nos países ocidentais e naqueles ocidentalizados na dieta, desenvolvidos ou em desenvolvimento. A consequência: índices alarmantes de diabetes, doença cardíaca e obesidade.

Estes problemas de saúde resultam de um descompasso entre a biologia de parcela significativa da população e o mundo no qual ela agora vive. Traduzindo melhor, constata-se uma perda da flexibilidade de diferentes sistemas de controle fisiológico dos seus organismos que restringe, deste modo, sua capacidade adaptativa ao ambiente. O descompasso tem causas longínquas e diversas: está na herança epigenética, isto é, no modo como fatores ambientais desfavoráveis afetaram e afetam, perniciosamente, a expressão ou a função de determinados genes.

Este componente epigenético desfavorável da herança pode, inclusive, ser transmitido através de várias gerações: está, também, na herança cultural, onde hábitos alimentares inadequados (excesso de alimentos gordurosos e calóricos) e o sedentarismo, persistem em famílias e são repassados, por imitação, às gerações subsequentes; presente, também, nos diferentes tipos de ambientes restritivos experimentados pelo indivíduo, durante o seu desenvolvimento inicial e na qualidade do ambiente atual. Estes diferentes fatores podem estar presentes, isolada ou conjuntamente, influenciando, desfavoravelmente, a qualidade de vida das pessoas.

Diante deste grave e complexo pro-

blema, o que é que pode ser feito para minimizá-lo ou corrigi-lo? Podemos mudar para melhor o ambiente, melhorar a biologia das pessoas acometidas ou ambas as coisas. Adequar a biologia das pessoas ao seu ambiente atual e futuro reduzirá o descompasso metabólico e elas se tornarão mais saudáveis e, portanto, com menor risco de doença. Para o grupo de pessoas em melhores condições sócio-econômicas e educacionais, a mudança no estilo de vida é mais viável. Para os menos favorecidos, a tarefa é difícil e complexa porque estão aprisionados na armadilha da pobreza. Políticas públicas consistentes, de curto, médio e longo prazo precisam ser implementadas de modo duradouro, para propiciar a essa população, em geral, acesso a alimentos mais saudáveis.

Vários segmentos dessa população deverão merecer atenção mais especial. Refiro-me às mulheres que deveriam ser estimuladas a não engravidar na adolescência ou pelo menos postergar a gravidez para pelo menos quatro anos após a menarca, para propiciar o pleno desenvolvimento uterino e evitar gravidez restritiva ao bebê. Do mesmo modo, um pré-natal criterioso e sistemático, evitando, também, o hábito de fumar. Atenção especial aos bebês nascidos pequenos em relação à média, com seguimento criterioso da dieta, pois o risco de desenvolverem a síndrome metabólica na infância e na adolescência está aumentado, bem como o de desenvolverem diabetes, doença cardíaca e obesidade, mais tarde, na vida adulta. Há que se prestar especial atenção ao grande grupo de pessoas que sofreram, por muito tempo, privações nutricionais, com reflexos na sua estatura e que agora estão vivendo, rapidamente, uma transição nutricional, com acesso a mais alimentos, frequentemente de alto

teor gorduroso e calórico. Eles trazem consigo a memória do ambiente de privação (herança epigenética) que agora pode se expressar com altos índices de diabetes, doença cardíaca e obesidade.

Quais as possibilidades de mudarmos o outro componente do descompasso, ou seja, a nossa biologia? Não há, no momento, nenhuma possibilidade de alterar nossos genes, nosso genótipo herdado, que é produto de milênios de evolução, uma vez que seria quase impossível alterar a biologia multifatorial que está na base dessas doenças. Poderemos, no entanto, alterar, para melhor, o componente epigenético desfavorável de nossa hereditariedade, pois ele constitui o ponto de interação entre o genoma e o ambiente. Os resultados das pesquisas experimentais, em andamento, acenam para a possibilidade de que muitos procedimentos possam ser utilizados no ser humano, para reduzir ou minimizar o grau de descompasso epigenético. Drogas hormonais e mesmo a adição de ácido fólico à dieta poderiam ser alternativas viáveis. Será possível detectar, precocemente, marcadores epigenéticos, como alteração da metilação em genes, no lactente e mesmo na placenta de um recém-nascido, para aconselhar sobre o estilo de vida a ser seguido ou talvez introduzir terapêutica profilática para reduzir o risco de doença, fruto do descompasso, mais tarde na vida.

A sociedade pagará, pesadamente, se políticas públicas duradouras e consistentes não forem implementadas rapidamente.

*Prof. Dr. Yasuhiko Okay
Professor Emérito da FMUSP
Vice-Diretor Geral da FFM*

Método de estimulação magnética auxilia no tratamento de transtornos mentais

A Estimulação Magnética Transcraniana (EMT) é um procedimento utilizado em pesquisa e clínica há aproximadamente 12 anos no nosso grupo, no Instituto de Psiquiatria (IPq). Hoje contamos com sofisticado laboratório com quatro estimuladores magnéticos, sendo dois deles de última geração, neuro-navegador específico para EMT (único na América Latina), vários tipos de bobinas (algumas delas desenvolvidas especificamente para nosso serviço), sistemas para potencial evocado, entre outros. Desenvolvemos inúmeros estudos controlados, tanto de forma autônoma em nosso laboratório quanto em colaboração com outros laboratórios da nossa instituição (Departamento de Neurologia/Neurocirurgia, Otorrinolaringologia, Emergências Clínicas) ou de outras instituições (UNICAMP, Instituto de Estudos Avançados do Centro Tecnológico Aeroespacial de São José dos Campos, Universidade Federal de Campina Grande, entre outras).

Trata-se de uma técnica nova e promissora que desponta como instrumento inovador na terapêutica biológica dos transtornos mentais. Vem sendo amplamente empregada também na avaliação e tratamento de várias anormalidades neurológicas, incluindo as doenças cerebrovasculares, dores e anormalidades dos movimentos. Uma de suas principais vantagens é ser um método não-invasivo, indolor e seguro para a investigação da fisiopatologia de doenças no sistema nervoso central (SNC) no ser humano desperto. Este fato fez com que a EMT fosse difundida rapidamente em vários países, muitas vezes com objetivos clínicos.

A EMT possibilita o estudo do potencial evocado motor (PEM), assim como a avaliação da condução nervosa no SNC. Auxilia no diagnóstico de alguns transtornos neurológicos desmielinizantes/degenerativos (esclerose múltipla, esclerose lateral amiotró-



Pessia Zamboni

Equipamento de Estimulação Magnética Transcraniana em uso.

fica), dentre outros. Adicionalmente apresenta resolução temporal que possibilita estudar funções cerebrais via indução de “lesões virtuais” fornecendo informações sobre anatomia e fisiologia do SNC.

Em psiquiatria, a EMT, especialmente quando utilizada de forma repetida (EMTr), tem sido investigada como método terapêutico para várias condições como, por exemplo, depressões, alucinações auditivas em esquizofrenia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático e síndrome de Tourette. A maior parte das pesquisas concentra-se na terapêutica dos transtornos depressivos, isoladamente, em comparação/associação com medicações antidepressivas; mais recentemente a EMTr foi comparada à eletroconvulsoterapia (ECT), inclusive no nosso serviço. Estudamos também o papel da EMT na aceleração e potencialização da resposta a antidepressivos.

Os aparelhos modernos de EMT produzem campos magnéticos com intensidades entre 1,5 e 3 Tesla, que variam muito rapidamente no tempo. Para que isso ocorra, os sistemas trabalham com alguns milhares de ampères e volts em curto espaço de tempo (0,2 milissegundos). Como consequência da variação deste campo magnético, ocorre a indução de uma corrente elétrica cortical (ou em nervos periféricos), paralela e em sentido oposto à corrente primária. Essa corrente é altamente

focalizada e permite a modulação (ativação ou inativação) de circuitos neuronais, preferencialmente horizontais e superficiais. Circuitos inibitórios ou excitatórios podem ser modulados, de acordo com a frequência da estimulação. Frequências superiores a 1Hz induzem excitação, e inferiores ou iguais a 1Hz induzem inibição. A EMT apresenta baixa resolução espacial, mas sua resolução temporal torna seu emprego, associado a outras técnicas de imagem, como ressonância magnética funcional ou tomografia por emissão de pósitrons, de grande utilidade.

Estudos recentes sugerem que a EMTr pode modular a excitabilidade neuronal cortical e induzir modificações funcionais em algumas áreas corticais relacionadas às funções sensitivas, motoras e cognitivas. A EMTr pode inibir ou excitar diferentes elementos (corpo neuronal, axônio, etc.) de diferentes grupos neuronais (neurônios de projeção, interneurônios e fibras U) induzindo a diferentes efeitos no cérebro, dependendo da região envolvida e de sua atividade, sendo ainda importantes os parâmetros de estimulação.



Arquivo pessoal

Dr. Marco Antonio Marcolin

• Psiquiatra e Coordenador do Grupo de Estimulação Magnética do Instituto de Psiquiatria - IPq-HCFMUSP

FFM assina contrato de gestão do Instituto de Reabilitação Lucy Montoro

A Fundação Faculdade de Medicina (FFM) assinou, em junho, um novo contrato de gestão com a Secretaria de Estado da Saúde. Agora, a FFM assume a gestão do Instituto de Reabilitação Lucy Montoro, localizado no bairro do Morumbi.

O hospital, primeiro da Rede Lucy Montoro, foi inaugurado em setembro do ano passado e será um centro de reabilitação integral de referência, com procedimentos de alta complexidade e tecnologia de ponta inéditos no País.



As instalações do Hospital, na zona sul de SP

Em 13,5 mil m² de área, o hospital tem 80 apartamentos individuais, 20

consultórios e uma ala de diagnósticos, o que permite 12 mil atendimentos por mês entre consultas, procedimentos de reabilitação e terapia ocupacional e tratamentos de ponta. O hospital atenderá pacientes do SUS com lesões medulares, amputações, lesões encefálicas como traumatismo craniano e acidente vascular cerebral, paralisia cerebral e outras restrições de mobilidade. Em 2010, está previsto o atendimento de cerca de 50 mil pacientes, dos quais 34 mil correspondem a procedimentos ambulatoriais e 16 mil internações.

Faculdade de Medicina da USP acolhe novos professores titulares

No dia 1º de maio, o Diário Oficial do Estado de São Paulo registrou o resultado do concurso para professores titulares da FMUSP, que indicou os Profs. Drs. Cyro Festa Neto e Gilberto Luis Camanho.

Agora titular do Departamento de Dermatologia, o Prof. Dr. Cyro Festa Neto atua em pesquisas nas áreas de hanseníase, doenças linfoproliferativas cutâneas e micologia médica.

Já o Prof. Dr. Gilberto Luis Ca-

manho é chefe do corpo clínico do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do HCFMUSP e professor do Departamento de Ortopedia da FMUSP. Suas principais áreas de atuação são as patologias do joelho, regeneração articular e substituição articular.

No dia 24 de junho, tomou posse o Prof. Dr. William Nahas como professor titular na área de Urologia. Sua principal área de atuação é a de transplantes de rim.

Representante do Laboratório de Habilidades é convidado para evento internacional

Em agosto próximo, as Sociedades de Simulação Clínica dos Estados Unidos, Europa e Austrália vão promover uma reunião em Londres para a troca de informações e o desenvolvimento de projetos de pesquisa conjuntos.

Foram convidados os líderes mundiais na área e, entre eles, está o Prof.

Dr. Augusto Scalabrini Neto, diretor do Laboratório de Habilidades Clínicas da FMUSP.

Inaugurado em agosto de 2006, o Laboratório é equipado com bonecos que simulam reações humanas para que os alunos possam aprender os procedimentos clínicos. Atualmente, é a principal referência da área, no Brasil.

Caminho de Volta participa de evento de sustentabilidade

O Projeto Caminho de Volta participou da terceira edição da Mostra de Tecnologias Sustentáveis 2010, realizada pelo Instituto Ethos com parceria da Conferência Internacional – Empresas e Responsabilidade Social, entre os dias 12 e 14 de maio.

A exposição teve a intenção de apresentar as tecnologias que visam à sustentabilidade. O público conferiu como funciona o Projeto, seus objetivos e desafios, metodologias, técnicas, sistemas e equipamentos. O evento reuniu 38 instituições dentre as 251 cadastradas.

O Projeto Caminho de Volta, que busca jovens desaparecidos no Estado de São Paulo, foi criado pelo Centro de Ciências Forenses (Cencifor), da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), em parceria com a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Desde 2004, o Caminho de Volta já cadastrou 730 famílias e oferece apoio psicológico e recursos para a identificação de crianças e adolescentes desaparecidos. Até o momento, seis casos foram esclarecidos por meio do banco de DNA.

Eletroencefalografia tem novos equipamentos e dobra a quantidade de atendimentos

No dia 12 de maio, a Clínica de Neurologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HCFMUSP) inaugurou as novas instalações e equipamentos do Serviço de Eletroencefalografia. O departamento recebeu sete novos aparelhos de alta tecnologia, totalizando dez. Com isso, haverá um aumento de 100% nos atendimentos, chegando a um total de 600 exames por mês.

O exame de eletroencefalografia é recomendado para identificar diagnósticos em pacientes com crises convulsivas, perda de consciência, alterações psiquiátricas, quadros vasculares, demência, distúrbios de movimento, alterações metabólicas e para investigação de quadros de coma e morte encefálica. “O exame tem como objetivo avaliar a atividade elétrica cerebral do paciente, identificar os ritmos do cérebro e a patologia, saber os motivos que causam os distúrbios, por intermédio de eletrodos fixados no couro cabeludo”, explica a neurologista Dra. Eliana Garzon.

A duração, em média, é de 30 a 40 minutos. Também foi construída uma



Nova sala para realização de exames

sala para sedação de pacientes, com isolamento acústico, proporcionando um maior conforto. “Além de oferecer comodidade é importante que o paciente esteja tranquilo para fazer o exame, podendo permanecer dormindo ou acordado. É feita a sedação e o paciente fica nessa sala para se acalmar”, conta a neurologista.

Desses equipamentos, três são móveis destinados para o atendimento de pacientes em estado grave internados nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) ou no Pronto-Socorro. O serviço funciona no 6º andar do Prédio dos Ambulatórios do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Serviço de Hematologia do HCFMUSP recebe doação da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

Uma parceria com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal está resultando em muito mais conforto para os pacientes e maior agilidade nos procedimentos do Serviço de Hematologia do HCFMUSP. O Serviço vai receber, ao longo dos próximos cinco anos, R\$ 5 milhões em recursos para reformas e aquisição de equipamentos.

É a segunda vez que a Fundação Maria Cecília faz doações ao Serviço de Hematologia. A parceria teve início em 2006, quando a Fundação doou ao Serviço sua biblioteca especializada em hematologia, uma das mais completas

do Brasil sobre o assunto. Também houve uma doação em dinheiro para a criação de um auditório multimídia, onde também foram armazenados os livros, e para a reforma de três laboratórios, além da cessão de equipamentos do Instituto de Hematologia Maria Cecília, em regime de empréstimo. Segundo o Prof. Dr. Dalton Chamone, chefe do Serviço, o sucesso da primeira parceria é que motivou o interesse em ampliar o trabalho conjunto. Os novos recursos serão utilizados na reforma dos ambulatórios de Hemofilia e Transfusional e dos laboratórios de Hematologia e Coagulação.

Também estão sendo criados recursos educacionais para a disseminação de conhecimento em cursos presenciais e à distância.

Localizados no quinto andar do Prédio dos Ambulatórios do HCFMUSP, o Serviço atende pacientes graves e crônicos de doenças como hemofilia, leucemia e outras doenças relativas ao sangue e ao sistema linfático. As doações são feitas por intermédio da Fundação Faculdade de Medicina, que audita e controla todo o processo de utilização dos recursos, e com o apoio da diretoria clínica do HCFMUSP.

HCFMUSP considera área de transplante de órgãos prioridade e recebe propostas de melhorias

Em 1965, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP) realizava o primeiro transplante de rim da América Latina. Três anos depois, era a vez do primeiro transplante de fígado da América do Sul. Hoje, o HCFMUSP não é só pioneiro, mas está no nível das melhores instituições mundiais em quantidade de captação de órgãos e realização de transplantes dessas duas modalidades.

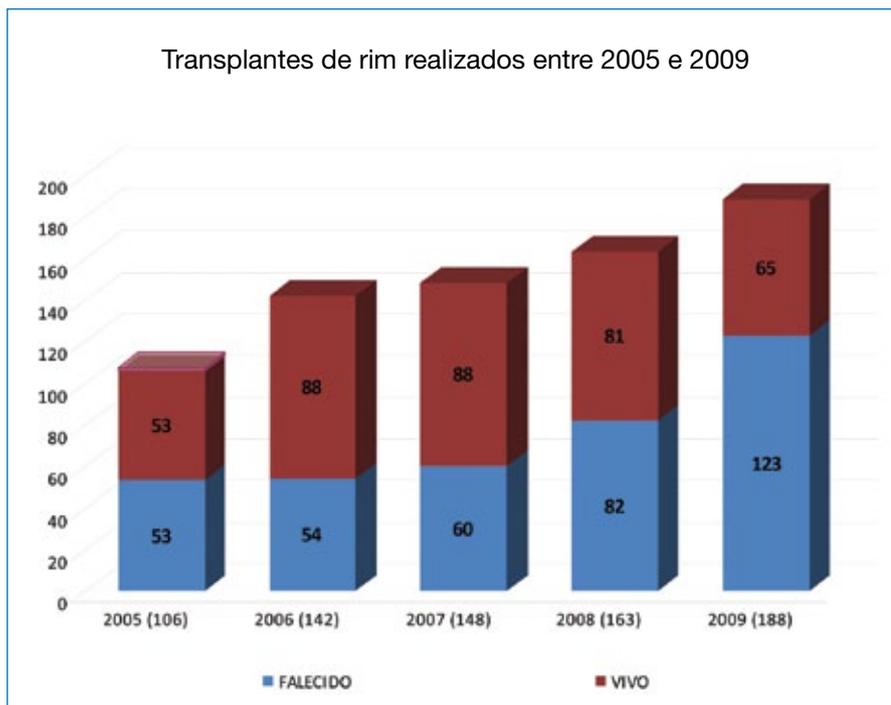
Para se ter ideia desse trabalho, em 2009 foram realizados 188 transplantes de rim e 141 de fígado. Para este ano, as metas estabelecidas pretendem aumentar essa quantidade: espera-se realizar 210 transplantes de rim e 160

de fígado. Somente nesses primeiros meses de 2010, já houve um aumento de 30% em relação ao mesmo período do ano passado. Até maio, tinham sido efetivadas 97 cirurgias de rim e 61 de fígado.

“Um dos motivos para o crescimento da área de transplantes foi o aumento do número de doadores, tanto vivos como falecidos. E também o número de transplantes, com a melhoria de nossa infraestrutura. Estamos trabalhando mais e nos esforçando mais também. Os resultados de sobrevida são bons e a taxa de absorção de leitos está em 98%”, explica o Prof. Dr. William Nahas, Chefe do Serviço de Transplante Renal do HCFMUSP

e Professor Titular do Departamento de Cirurgia na Disciplina de Urologia.

A área tem planos para melhorar ainda mais. Segundo o Prof. Dr. Nahas, foram apresentadas propostas à administração do HCFMUSP para aprimorar o desempenho. Entre elas, estão aumentar o número de leitos em enfermaria; criar uma estrutura única e centralizar as UTIs específicas para transplantes; criar leitos de retaguarda à distância em outros hospitais para a recuperação pós-transplante e racionalizar os métodos de investigação (laboratorial e imagem). Outra proposta é a contratação de profissionais treinados e preparados nas áreas de psicologia, enfermagem, nutrição e assistência social para compor a equipe de apoio.



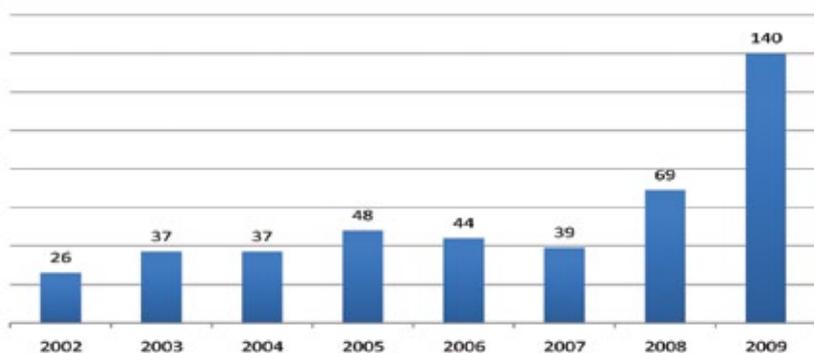
Os resultados da área de transplantes de rim no período entre 2005 e 2009 demonstram o crescimento progressivo dos procedimentos, especialmente nos dois últimos anos e com mais doadores falecidos.

Crítérios de avaliação

A avaliação pré-transplante exige e envolve uma série de exames para diagnosticar a real situação do paciente, com uma avaliação multidisciplinar que inclui consultas com o clínico, cirurgião de transplante, cardiologista, entre outros especialistas. Também são necessários exames e acompanhamentos constantes. “Nosso objetivo é evitar problemas clínicos que possam comprometer a nossa performance e oferecer ao doente as melhores condições possíveis. Procuramos realizar um planejamento do tipo de condição que o paciente se encontra e toda a avaliação necessária”, esclarece o Prof. Dr. Luiz Augusto Carneiro D’Albuquerque, Professor Titular e Diretor do Serviço de Transplantes do HCFMUSP, especializado em transplantes de fígado.

Com o aprimoramento da área de transplantes, a quantidade de pa-

Transplantes de fígado realizados entre 2002 e 2009



Os transplantes de fígado aumentaram mais de 100% em 2009.

que agregam pontos positivos para realizar esse tipo de trabalho complexo e delicado.

O Prof. Dr. Carneiro está à frente desse novo processo. “As pessoas que vamos operar são aquelas que possuem um sistema digestivo todo comprometido, que não se alimentam há anos. Temos um ambulatório de reabilitação intestinal na Disciplina de Cirurgia do Aparelho Digestivo, que serve para a preparação do paciente antes da cirurgia. É o único hospital do Brasil que oferece essa estrutura”, explica. O novo programa está em fase de organização, com a definição de procedimentos jurídicos e os protocolos.

A área de transplantes vem recebendo amplo apoio do Ministério da Saúde, que no ano passado adotou uma série de medidas para melhorar a regulamentação e favorecer os transplantes no Brasil. Os investimentos do Ministério previstos para o biênio 2009-2010 eram de R\$ 24,1 milhões.

cientes graves está diminuindo, o que deve reduzir a mortalidade na fila de espera. Segundo o Prof. Dr. Carneiro, o Serviço utiliza os parâmetros do Model for End-stage Liver Disease (MELD), um sistema de pontuação que serve para quantificar a urgência de transplante de fígado em candidatos. Quanto maior o número, maior a gravidade. Há dois anos, o MELD era de 32/33, no ano passado caiu para 28/29 e chegou a 25/26.

É a partir da avaliação da gravidade que os médicos definem se o paciente é candidato ou não ao transplante. Um paciente com câncer no fígado, por exemplo, tem prioridade para receber o órgão. No caso do rim, apenas uma urgência permite que o paciente fure a fila. “Quando falta acesso para hemodiálise, o doente tem prioridade para realizar o transplante, pois, se parar o tratamento, ele morre”, afirma Prof. Dr. Nahas.

Pela importância e complexidade do transplante de órgãos, a área foi considerada prioridade para o Complexo e tem recebido atenção diferenciada da administração do HCFMUSP. Esse apoio se refletiu no crescimento da quantidade de transplantes, o que foi reconhecido pelo “Prêmio Destaque em Transplantes” da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. “No mês de abril de 2010, chegamos ao número 1.000 de transplantes de fígado realizados, alcançando uma liderança nessa área”, conta o Prof. Dr. Carneiro.

Os dados atuais mostram que existem, no Estado de São Paulo, 1.047 pessoas na fila de espera para a realização do transplante de fígado e 10.097 de rim. “Ser um doador de órgãos é de extrema importância. Uma pessoa que doa seus órgãos pode ajudar de 15 a 20 pessoas, porém é necessário o diálogo entre os familiares, deixando-os cientes de que você deseja ser um doador”, alerta o Prof. Dr. Carneiro.

Em 2010, já foram captados 2.604 doadores, somando todas as modalidades. O HCFMUSP trabalha em parceria com a Organização de Procura de Órgãos (OPO), que exerce atividades de identificação e captação de potenciais doadores e divulga a política do transplante de órgãos e tecidos, com a finalidade de conscientizar a população sobre a importância da doação. Atualmente, são realizados no HCFMUSP transplantes de rim, fígado, pâncreas e pulmão, considerados órgãos, e também de córnea e medula, considerados tecidos. O Incor é líder nos transplantes de coração.

Novas modalidades de transplantes

O Hospital das Clínicas da FMUSP foi escolhido para liderar duas novas modalidades de transplantes, de Intestino e Multivisceral (fígado, intestino delgado, estômago, pâncreas, duodeno, colo e eventualmente o rim). Isso devido à combinação de experiência e assistência oferecida aos pacientes,



Prof. Dr. Luiz Augusto Carneiro



Prof. Dr. William Nahas

Agentes comunitários de saúde: a alma do PSF

Até o final de abril de 2010, eram mais de 237 mil pessoas, atuando em todas as regiões do Brasil. Os agentes comunitários de saúde formam hoje um verdadeiro exército, empenhado em promover a saúde e prevenir doenças. Na Unidade Básica de Saúde Vila Dalva, que integra o Projeto Região Oeste administrado pela FFM, são 28 agentes, com a responsabilidade de visitar cerca de 200 domicílios por mês, em uma região com 14 mil pessoas atendidas.

Os agentes trabalham diretamente com a população vulnerável. São recrutados na própria comunidade onde moram, para que conheçam a realidade em que vão atuar. “Todo o nosso trabalho de planejamento é feito em cima dos dados coletados pelos agentes. Calculamos a produtividade, o planejamento da UBS e cruzamos com os dados do IBGE”, explica Patrícia Tello Fonseca, gerente da UBS Vila Dalva.

Romilda Maria Thomaz é uma dessas profissionais. “Na minha região, as pessoas são mais de classe média baixa, especialmente idosos. Os problemas

mais frequentes que encontro são hipertensão e diabetes. Mas a minha maior dificuldade é fazer essas pessoas aderirem ao tratamento”, conta. Há dois anos e meio atuando como agente, antes Romilda era caixa de um estacionamento. “Era um trabalho que me deixava muito frustrada, porque nunca gostei de ficar sentada esperando. Surgiu essa oportunidade e foi muito bom, principalmente porque é perto de onde eu moro. Mudou minha vida. Gosto muito

Priscila Aparecida de Souza Santos tem apenas 21 anos e também se encantou com a possibilidade de colaborar para mudar hábitos e ajudar as pessoas. “Eu não tinha ideia de como esse trabalho é importante. Sem as informações que a gente leva, o médico nem sempre pode fazer muito. A gente vê a realidade e isso muda o jeito de ver a própria vida”, conta. Há um ano e meio no trabalho, Priscila atua em uma região com muitas crianças



Patrícia, Romilda e Priscila

de conversar e sei que algumas pessoas contam para nós coisas que não falam para o médico. E isso faz a diferença na hora de planejar o tratamento. Agora só fico frustrada quando o problema das pessoas demora para ser resolvido.”

e gestantes. “Quando a mãe perde a consulta, vou lá ver o que aconteceu. Presto atenção para ver se a criança está sendo alimentada, se vai à escola. Não posso deixar passar detalhes que façam a diferença.”

ICESP comemora dois anos e sedia inauguração do Cíclotron

O Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Otávio Frias de Oliveira (ICESP), que comemora dois anos de funcionamento, sediou, na manhã do dia 6 de maio, três importantes eventos. O primeiro foi a inauguração do Cíclotron, equipamento que permite a produção de radiofármacos para a detecção precoce de tumores. A aquisição e instalação do equipamento no Centro de Medicina Nuclear do Instituto de Radiologia (InRad) é resultado de um convênio entre o HCFMUSP e o Hospital Sírio-Libanês, com um total de R\$ 17,7 milhões em investimentos. O Hospital Sírio-Libanês doou o acelerador de partículas e um PET-CT, ao custo de R\$ 10 milhões. O HCFMUSP assumiu a construção das instalações necessárias para abrigar os equipamentos.

A produção beneficiará principal-

mente os pacientes do Sistema Único de Saúde atendidos no HCFMUSP, mas também será utilizada pelos hospitais do eixo da Avenida Paulista, especialmente o Sírio-Libanês. A localização é estratégica, já que os radiofármacos utilizados em exames de medicina nuclear têm uma meia-vida de apenas duas horas. O Cíclotron terá capacidade para produzir cerca de dez diferentes produtos, utilizados não só no diagnóstico mas também no tratamento e na pesquisa clínica, realizadas em conjunto pelo HCFMUSP, Instituto de Ensino e Pesquisas do Hospital Sírio Libanês e o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP).

A cerimônia de inauguração contou com a presença do governador Alberto Goldman. Também estavam presentes o reitor da Universidade de São Paulo, João Grandino Rodas; o secretário de

Estado da Saúde, Luiz Roberto Baradas Barata; a secretária dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Linamara Rizzo Battistella; o diretor da Faculdade de Medicina da USP, Marcos Boulos, o diretor do InRad e do ICESP, Giovanni Guido Cerri, a presidente da Associação das Senhoras do Hospital Sírio Libanês, Ivete Riskallah e o diretor-geral da FFM, Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes.

Na ocasião, também foi comemorado o aniversário de dois anos do ICESP, com o lançamento do Manual de Condutas Oncológicas da Instituição, entregue aos presentes pelo diretor clínico Paulo Hoff. Foi assinado ainda o Contrato de Tarifação para Entidades Públicas, entre a FFM, gestora do ICESP, e a Sabesp, companhia estadual de águas e esgotos, que garante ao ICESP o abastecimento de água e a coleta de esgoto a custo reduzido.

Pesquisa de vacina contra HIV avança com apoio da FFM

Uma pesquisa em andamento do Laboratório de Investigação Médica 60 (LIM 60), especializado em imunologia e alergia, está avançando no desenvolvimento de uma vacina contra o vírus HIV. O projeto, coordenado pelo médico imunologista e Chefe do Laboratório de Investigação Médica 60, Prof. Dr. Edécio Cunha Neto, começou a ser desenvolvido no Laboratório de Imunologia do Instituto do Coração e hoje continua no LIM 60. A Fundação Faculdade de Medicina é responsável pela administração dos recursos. As pesquisas e testes da vacina estão

patenteados e pertencem à Universidade de São Paulo, à Fundação Zerbini e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O projeto recebeu recursos da FAPESP, Ministério da Saúde e um órgão internacional vinculado à Unesco.

No Brasil, 600 mil pessoas possuem o vírus HIV, mas apenas a metade tem o conhecimento da doença. Por ano, 10 mil pessoas morrem em consequência da AIDS. Isso ocorre devido ao descobrimento tardio ou não acompanhamento médico adequado. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), em média, 30 mil novos registros de soropositivos são detectados por ano no Brasil. Se falarmos em termos mundiais, 33 milhões de pessoas vivem com o vírus e por dia ocorrem 7 mil novas infecções.

“As pessoas infectadas pelo HIV possuem grande quantidade de anticorpos, porém não são capazes de destruir ou eliminar o vírus, por isso a necessidade de uma vacina”, explica

o médico infectologista e pesquisador do Laboratório de Investigação Médica 60, Prof. Dr. Éspér Kallas.

A vacina tem a finalidade de diminuir o grau da infecção e de induzir a resposta imune de linfócitos T CD4 e CD8. Esses linfócitos podem ser eficazes para destruir células que já estejam infectadas pelo vírus do HIV. “A vacina diminui a quantidade de vírus nas células. Consequentemente, a transmissão

A vacina diminui a quantidade de vírus nas células. Consequentemente, a transmissão para outras pessoas pode ser reduzida e pode levar mais tempo para o vírus evoluir para a AIDS.

para outras pessoas pode ser reduzida e pode levar mais tempo para o vírus evoluir para a AIDS”, afirma Prof. Dr. Edécio.

Os estudos e pesquisas começaram no ano de 2002, e até 2005 o trabalho foi voltado para a identificação dos fragmentos do vírus HIV que teriam as propriedades corretas para o desenvolvimento da vacina. Em 2006 a produção da vacina começou. Já em 2007, conquistaram resultados positivos com a realização de dez testes que concluíram que o resultado encontrado em camundongos era verdadeiro. De 2007 a 2009, portanto, foram feitas as etapas de reprodução confirmatória, utilizando camundongos com parte do sistema imune humano.

Segundo o Prof. Dr. Edécio, no ano passado havia 22 vacinas em testes. Dessas, 21 utilizavam proteínas inteiras do HIV. Esse modelo já foi testado algumas vezes e não representou proteção. A vacina em desenvolvimento no LIM 60, por sua vez, tem um conceito

diferente. “Esse modelo é considerado novo e visa alterar o que falhou no anterior garantindo respostas imunes eficazes em um maior número de pessoas”, explica.

A vacina agora precisa passar por testes em animais. Em alguns países são usados macacos, mas por uma questão de custos os testes no Brasil serão feitos com um tipo de camundongo que tem um sistema imune transplantado

de humanos. “Se tivermos uma resposta boa nesse modelo podemos passar para o ensaio clínico da vacina em humanos. Na primeira etapa selecionamos pessoas soronegativas saudáveis com

baixo risco de contágio, e realizamos o teste para identificar se a vacina induz uma resposta imune boa e ampla e se é segura. Se o resultado for satisfatório passamos a realizar o teste em pessoas com risco alto para saber se realmente a vacina é efetiva”, diz o Prof. Dr. Kallas.



Prof. Dr. Edécio Cunha Neto

• médico imunologista e Chefe do Laboratório de Investigação Médica 60 (LIM-60).



Prof. Dr. Éspér Kallas

• médico infectologista e pesquisador do Laboratório de Investigação Médica 60 (LIM-60).

Novo livro na coleção Pediatria do ICr

No dia 26 de maio foi lançado o livro: “Genética na Prática Pediátrica”, a mais nova publicação da Coleção Pediatria do Instituto da Criança do HCFMUSP, com autoria das Dras. Chong Ae Kim, doutora em Medicina pela FMUSP e médica-chefe da Unidade de Genética Clínica do Instituto da Criança do HCFMUSP; Lílian Maria José Albano, mestre em Medicina pela UNIFESP-EPM e médica da Unidade de Genética Clínica do Instituto da Criança do HC-FMUSP; e Débora



Romeo Bertola, pós-graduanda pela FMUSP e médica da Unidade de Genética Clínica do Instituto da Criança do HCFMUSP.

Inrad lança livro sobre Cabeça e Pescoço

O Instituto de Radiologia (InRad), do HCFMUSP, lançou dia 4 de maio o livro “Radiologia e Diagnóstico por Imagem – Cabeça e Pescoço”, que integra a série Radiologia e Diagnóstico por Imagem, das editoras Guanabara Koogan e GEN. É uma fonte de informações sobre técnicas para exames atuais, com dados que auxiliam profissionais da Saúde a realizar um diagnóstico mais preciso de doenças que atingem a região da cabeça e do pescoço.

Suas autoras são as Dras. Maria Cristina Chammas, diretora do Serviço de Ultrassonografia; Eloísa Maria Santiago e Regina Lúcia Gomes, Diretora e Médica Supervisora do Serviço de Tomografia Computadorizada do InRad do HCFMUSP, respectivamente.



Saúde para leigos é tema de livro

Um compêndio de informações para esclarecer as dúvidas mais frequentes sobre saúde, dirigido ao público leigo. Esse é o conteúdo do livro “Saúde – A hora é agora”, de autoria do Prof. Dr. Milton Arruda Martins, da área de Clínica Médica da FMUSP, e dos Drs. Mario Ferreira Jr., coordenador do Centro de Promoção da Saúde do HCFMUSP, e da jornalista especializada Conceição Lemes. Entre os assuntos abordados pelos autores, estão Alimentação, Atividade Física, Sono, Relacionamento, Tabagismo, Estresse e Sexualidade. Editado



pela Editora Manole, o lançamento aconteceu no dia 24 de junho, na Livraria da Vila dos Jardins.

AGENDA DE EVENTOS DO SISTEMA FMUSP-HC NO CENTRO DE CONVENÇÕES REBOUÇAS (CCR)

JULHO

Dia 5

Curso de Insulinoterapia - Núcleo de Excelência em Atend. ao Diabético do HC (NEAD)

Pós GAMIA - Encontros de 2010 - Serviço de Geriatria da Divisão de Clínica Médica II do ICHC - HCFMUSP

Dia 7

Curso de Atualização em Obstetrícia - Disc. de Obstetrícia do Depto. de Ginecologia e Obstetrícia da FMUSP

Dia 12

VII Curso de extensão - 2010. Avaliação e tratamento interdisciplinar em dor - Disciplina de Neurologia Clínica do Depto. de Neurologia - FMUSP

Curso de Complicações do Diabetes - Núcleo de Excelência em Atend. ao Diabético do HC - NEAD
Curso de contagem em carboidratos - Serviço de Endocrin. e Metab. da Divisão de Clínica Médica I do ICHC - HCFMUSP

Dias 29 a 31

Cursos Integrados - Oftalmologia USP 2010: “Problemas e Soluções” - Disc. de Oftalmologia da FMUSP

AGOSTO

Dia 2

Curso de Insulinoterapia

Pós GAMIA - Encontros de 2010

Dia 4

Curso de Atualização em Obstetrícia - Divisão de Clínica Obstétrica do ICHC

Curso de contagem de carboidratos

Dia 6

Liderança Estratégica - InRad - HCFMUSP

Farmacotécnica Hospitalar: Inovações e sustentabilidade - Divisão de Farmácia do ICHC - HCFMUSP

Dia 7

3º Simpósio Obesidade Infantil e Adolescência e 3º Curso da Liga de Obesidade Infantil - Centro de Estudos da Disciplina de Endocrinologia - FMUSP

II Simpósio Brasileiro sobre Análogos do GnRH - Disciplina de Ginecologia do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia - FMUSP

Dias 10 a 13

13º Curso Anual de Nefrologia - NEFROUSP 2010 - Serviço de Nefrologia da Divisão de Clínica Médica I do ICHC - HCFMUSP

Dia 11

Curso de Atualização em Obstetrícia

Dia 14

Reciclagem em Ginecologia - Disciplina de Ginecologia do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da FMUSP

Dia 16

VII Curso de extensão - 2010. Avaliação e tratamento interdisciplinar em dor

Dias 19 e 20

Preceptoría em doenças cardiovasculares - Núcleo de Diabetes e Coração do Incor

Dia 21

23º Curso Continuo de Atualização em Coloproctologia - Divisão de Clínica Cirúrgica II do HCFMUSP

Dias 26 e 27

X Fórum de Discussão de Políticas Sociais- Atualização em Previdência Social - Divisão de Serviço Social Médico do ICHC - HCFMUSP

Dia 27

Curso teórico do Centro de Treinamento (CETAC) - Divisão de Clínica Cirúrgica II do HCFMUSP

Dia 30

Pós GAMIA - Encontros de 2010

Na Atlético, desde a sua fundação

Há 64 anos, convivo na praça de esportes do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC). A primeira vez que entrei no CAOC foi dia 17 de fevereiro de 1946, quando passei no vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nesse dia também aconteceu o primeiro jogo de futebol que participei na Atlético. Após essa data nunca mais saí de lá. Hoje, com 82 anos, sou Coordenador do Grupo Assessor da Diretoria da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz. Essa foi a forma que encontrei para continuar ao lado dos alunos e amigos.

Em 1949 a parte esportiva do CAOC passou a ser da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz, por determinação governamental. Ocupi, nesse ano, o cargo de 1º Secretário e depois permaneci durante um ano como presidente.

A estrutura para as práticas esportivas ganhou nova quadra de tênis, outro ginásio mais moderno, quadra externa de futsal, basquete e vôlei, vestiário para mulheres e futebolistas e lanchonete.

Em 1959, o governador Janio Quadros cedeu oficialmente o espaço da Atlético aos alunos, permitindo o uso efetivo, sem preocupação. Quinze dias depois, atribuiu o local à Universidade de São Paulo, até 1996.

Diante da situação que gerou muita repercussão, já que alguns almejavam utilizar o espaço da praça de esportes para a construção de um novo instituto e um estacionamento para o Hospital das Clínicas, aproveitei o convite de um almoço com Prof. Flávio Fava de Moraes, então reitor da USP, e conversei sobre o assunto. Ele conseguiu prorrogar por mais 40 anos a utilização do Centro Acadêmico, a partir de 1996.

Não posso deixar de lembrar da competição MAC-MED, entre a Universidade Mackenzie e a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que já foi a maior competição esportiva universitária da América Latina – era grandiosa e muito tradicional.



Equipe da Faculdade de Medicina durante a competição MAC-MED - 1954

Mesmo depois que parei de jogar no time de futebol, continuei frequentando o Centro Esportivo. Para ser mais preciso, todos os sábados estou por lá. Faço reuniões com a diretoria, quando precisam de alguma coisa sempre pedem para mim, cuido do time, dos uniformes dos jogadores, mando

que não poderia deixar de dividir com todos: recebi um diploma e uma medalha por ser um dos pesquisadores que mais contribuíram em atividades científicas referente à Doenças de Chagas, oferecida pela Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

A Atlético tem um grande significado em minha vida. Em 1997, aos 70 anos, me aposentei. Fiquei muito triste e amargurado, pois durante a atividade de docente sempre gostei de dar aulas, ficar na enfermaria e ter um contato próximo com os alunos, médicos residentes e colegas. Percebi que isso iria acabar, então a Atlético foi um conforto, pois continuei vendo e convivendo com os alunos. Não quero me desligar disso até morrer. É um momento de lazer e descontração, encontramos espírito de competição, torcida, confraternização, conversas entre amigos e histórias. Os calouros e veteranos também não me chamam de professor, somente de Amato, existe uma relação de amizade. Sei que não viverei até o ano 2036, mas estou muito feliz em saber que durante tantos anos frequentei e pude contribuir para a melhoria da Atlético.



Prof. Amato em 2006, quando a Praça de Esportes recebeu seu nome, acompanhado do Prof. Fava

para a lavanderia, agendo as datas dos jogos, entre outras atividades.

Durante todos esses anos de Atlético Acadêmica Oswaldo Cruz recebi duas grandes homenagens: em 2006 o campo de futebol recebeu meu nome, Vicente Amato Neto, e, em 2008, o time passou a ter também meu nome “Amato Futebol Clube”.

Conquistei diversas homenagens, prêmios, medalhas e troféus durante minha vida, tanto profissional quanto pessoal, inclusive nas competições da Atlético. Mas teve uma em especial

*Prof. Vicente Amato Neto
Chefe do Laboratório de Parasitologia Médica
do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo e
do Laboratório de Investigação Médica - Parasitologia
do Hospital das Clínicas da Faculdade de
Medicina da Universidade de São Paulo.*

Instalações da área técnica e administração facilitam integração

Mudanças são necessárias, mas geralmente causam resistência. Foi o que aconteceu com a transferência da área administrativa da FMUSP para a chamada Área Técnica, um pavilhão construído pelo Projeto de Restauro e Modernização da FMUSP para abrigar a infraestrutura do edifício principal. “O projeto original previa a construção de outro prédio para os LIMs, que também abrigaria a administração. A Área Técnica, por sua vez, ocuparia apenas o andar de baixo. Depois, decidiu-se construir essa parte sobre a Área Técnica e destiná-la à administração”, explica a arquiteta Toshie Sugawara, uma das responsáveis pelos projetos de manutenção da FMUSP após o Projeto.

A diferença entre as salas onde estava a administração e o prédio atual é enorme. “Eram salas fechadas, com paredes. Aqui, são baias em um ambiente envidraçado. A princípio, as pessoas ficaram preocupadas com a privacidade e a segurança”, conta a analista de Recursos Humanos da FMUSP, Marli Bortot Siqueira. “Com o tempo, porém, as pessoas se conscientizaram e começaram a ter um comportamento mais discreto para respeitar os demais. O espaço agora é mais democrático, todos têm os mesmos móveis e equipamentos. A integração também aumentou muito, todos passam e se vêem, conversam, trocam ideias.”

Na parte de baixo do edifício, ficou concentrada a manutenção, zeladoria e serviços terceirizados, como segurança. O almoxarifado, o gerador e a central de ar condicionado também estão localizados ali. Na parte administrativa,



Rampa de acesso à área técnica, à esquerda do edifício principal

estão o protocolo, financeiro, compras, recursos humanos e engenharia e projetos.

A partir do Projeto de Restauro e Modernização, a área de engenharia e projetos também assumiu um papel mais importante. “Antes, éramos chamados para ‘apagar incêndios’. Agora a manutenção é pensada como algo constante, diário, porque tudo vai ficando defasado”, diz Toshie. Com a padronização das instalações e a centralização dos almoxarifados, tudo ficou mais ágil e mais barato. “Antes, cada laboratório fazia de um jeito. Agora, tudo passa por aqui. Usamos os mesmos espelhos, tomadas. Os laboratórios só precisam se preocupar em comprar os materiais específicos.”

Como sempre acontece, a mudança física acaba gerando uma mudança cultural e comportamental. Na área de recursos humanos, a administração vem investindo em treinamento e aperfeiçoamento, o que também foi visto inicialmente como um problema. “Havia uma mentalidade de que treinamento era algo feito para corrigir

maus procedimentos. Mas hoje o treinamento é indispensável para o desenvolvimento e para acompanhar o mundo, já que tudo muda muito mais rápido”, afirma Marli. As medidas adotadas até agora permitiram que fosse feito um diagnóstico dos problemas. Agora a área de recursos humanos vai criar um plano para atender às necessidades percebidas. Atualmente, a FMUSP conta com 600 funcionários diretos.



Um dos galpões de manutenção demolidos pelo Projeto, por solicitação do Condephaat

As instalações, porém, não são estanques. Conforme o tempo passa, surgem novas demandas e as adaptações são feitas. “Quando o ambiente de trabalho melhora e as pessoas passam a acreditar que vão ser atendidas, elas se tornam mais exigentes. Hoje estamos aqui para tentar aprimorar cada vez mais o espaço e assim atender às necessidades-fim da Faculdade, que são o ensino, a pesquisa e a extensão”, conclui Toshie.

